



Vida de Camões

Rafael Falcón

www.rafaelfalcon.com.br

VIDA DE CAMÕES

e-book gratuito

Este material é parte do curso “Introdução a Os Lusíadas”. Para saber mais, visite:
www.rafaelfalcon.com.br

Vida de Camões

Um estereótipo moderno descreve os poetas como adolescentes, franzinos e inseguros, a sonhar com moças bonitas que nunca possuirão. Seus versos não passariam, assim, de expressões elegantes das lamúrias púberes, cujo propósito é dar-lhes um ar solene, mascarando sua natureza mesquinha e -- para ser franco -- puramente sexual. Talvez o conceito corresponda à realidade em parte dos casos modernos -- alguém dirá *na maior parte* deles -- mas a vida de Luis de Camões é suficiente para demonstrar sua invalidade geral.

De fato, o maior dos poetas da língua portuguesa é quase que o oposto do estereótipo. Primeiro, porque de franzino nada tinha: era de tal modo truculento e arruaceiro, que o chamavam *Diabo* e *Trinca-Fortes*. Aos vinte e dois anos o exilaram da Corte, por crime hoje desconhecido; aos vinte e oito, foi preso por esfaquear um servidor do Paço em dia de *Corpus Christi*; desde então, morou em África, Índia e China, sendo periodicamente preso ou expulso por arranjar confusões as mais variadas. Embora tivesse vocação de poeta, sua carreira foi militar, e por ela perdeu um dos olhos, em ataque de piratas mouros, aos vinte e três anos de idade. Como se vê, seu temperamento era forte: eu arriscaria classificá-lo como colérico-sanguíneo.



Retrato de Luís de Camões

Tendo perdido cedo o pai, Camões foi entregue aos cuidados de seu tio, D. Bento de Camões, prior do mosteiro de Santa Cruz e chanceler da Universidade de Coimbra. Foi tio Bento quem o introduziu no Colégio das Artes, que assim se chamava porque propunha o ensino das chamadas artes liberais (*trivium* e *quadrivium*) como preparatório para a universidade -- estágio ao qual Camões não chegou. Saiu formado nas artes; certamente lia muito bem em latim e espanhol, e provavelmente em italiano, mas é discutível que conhecesse outros idiomas. De resto, não deve ter-lhe restado muito tempo e condições, em sua vida de exílio, para estudar. O poeta deveu muito, portanto, a esses

anos em Coimbra.

Que tenha sido namorador, não há dúvidas: entre as amantes do poeta, contam-se negras, amarelas e (segundo dizem) até a cultíssima princesa D. Maria. Em seus poemas eróticos, vemos muitas queixas e lamentos de amor, mas só um espírito superficial poderia desprezá-los como expressões espontâneas das frustrações que teve em seus relacionamentos. Antes se trata sempre de obras concebidas com espírito de artista, em que se aproveitam sentimentos e situações pessoais, seja como motivação, seja como matéria-prima, sublimando-os em formas fixas, moldando-os pela imitação dos melhores poetas da língua latina, italiana, portuguesa e espanhola, dando-lhes enfim o acabamento expressivo de verdades profundas. Nunca se vê nele o espírito mesquinho do amante frustrado; a

consciência amadurece o sofrimento, pela meditação, e o converte em coisa do interesse de todos os seres humanos.

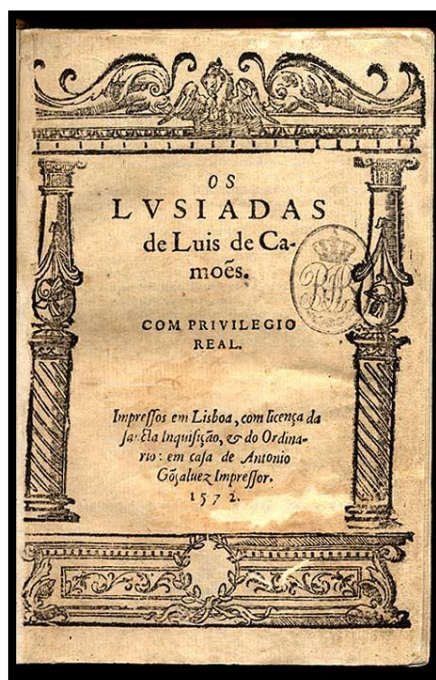
Ademais, é impossível compreender o espírito de Camões sem considerar o peso do exílio e de sua relação apaixonada com a pátria. Após alguns anos de vida militar em Goa (que fora a condição de sua liberdade, depois da cutilada em dia de *Corpus*), recebe ele um cargo administrativo em Macau, que é ao mesmo tempo uma libertação da pena original, e uma prorrogação do desterro. Saindo de Goa, escreve o poeta: "Depois que dessa terra parti, como quem o faria para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então... E assim posto em estado em que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na nau disse foram as de Cipião Africano: *ingrata patria, non possidebis ossa mea.*"

Bem se vê que estava magoadíssimo com Portugal; mas a mágoa só é intensa quando grande o amor. Mais de uma década depois, é outro Camões que retorna a Lisboa, agora a Sião dos poemas lamentosos, e não mais a ingrata patria de Cipião Africano. Infelizmente, esse Camões que retorna é também mais desiludido, mais triste, e muito pobre.

"Em Moçambique", diz o historiador Diogo do Couto, "achamos aquele príncipe dos poetas de seu tempo, meu matalote e amigo Luis de Camões, tão pobre que comia de amigos, e pera se embarcar para o reino lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mister e não faltou quem lhe desse de comer, e aquele inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas Lusíadas para as imprimir."

Nessas Lusíadas prevalece a inspiração viril, que vê na pátria, na coragem, na glória valores maiores que o dos beijos de mulher. Não faltou a Camões a vivência das obras de Marte, tampouco o ódio piedoso aos mouros e o desejo de cristianizar o mundo. Tudo o que celebra em seus versos, ele o buscou primeiro com as mãos, e com armas; só aos poucos foi percebendo o sentido transcendente de suas aspirações, e por fim o valor real do seu poema - maior que todos os seus feitos e aventuras, maior que Vasco da Gama, maior que Portugal.

Portugal, que fora sua esperança no desterro, sua Sião; que ele reviu enfim, após décadas de peregrinação, numa Lisboa dizimada pela peste, povoada de cadáveres, abandonada pelos sãos e até pela Corte; Portugal, que nos últimos anos de Camões seria devastado por enchentes, incêndios, tragédias militares e, como num quinto ato, pela desgraça de Alcácer-Quibir, em



Capa da primeira impressão d'Os Lusíadas

que a última esperança do poeta, a *maravilha fatal de nossa idade* -- D. Sebastião -- desapareceria para sempre.

Camões morre pobre e indigente, apesar do salário de quinze mil-réis concedido por El-Rei em 1572; biógrafos estimam que a burocracia tenha retardado o pagamento, forçando o poeta a continuar dependente de favores dos amigos. Amigos, graças a Deus, não lhe faltaram; e parece que um convento de dominicanos, próximo à sua residência, mereceria especial gratidão de todos nós, por cuidar dele e de sua velha mãe. A morte do poeta foi descrita por Frei Josepe Índio, carmelita descalço, que lhe ministrou os sacramentos finais e fechou seus olhos depois de morto, nos seguintes termos (traduzo e adapto do castelhano da época):

“Que coisa mais triste, ver tão grande gênio malogrado! Eu o vi morrer num hospital em Lisboa, sem ter lençol com que cobrir-se, depois de haver triunfado na Índia Oriental, de haver navegado 5.500 léguas por mar! Que aviso tão grande para aqueles que de noite e de dia se cansam, esforçando-se sem proveito, como a aranha que urde teias para caçar moscas.”

E, apesar das grandes honras que se lhe fizeram depois, erigindo-lhe um túmulo ao lado dos de Vasco da Gama e D. Sebastião, no momento de sua morte não teve ele enterro nem ataúde. O corpo desse grande poeta, maior que todos, foi jogado entre outros corpos, em vala comum, pois era tempo de peste, e morria muita gente. Os ossos hoje enterrados em sua tumba, no Mosteiro dos Jerônimos, são misturados de muitas pessoas, e foram tirados do local onde se estima tenha sido jogado o valioso cadáver: supôs-se que o poeta estava ali no meio. Se vemos nisso algo de dramático, há também uma verdade profunda: que o destino de Camões é o do povo português inteiro, como diz o seu poema, que não canta (como Virgílio) um só herói, no singular, mas a pluralidade de uma nação: *as armas e os barões assinalados*.



Atual túmulo de Camões

*As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

(Os Lusíadas, duas primeiras estrofes)



Sobre o autor deste e-book

Rafael Falcón é pesquisador independente, professor e coordenador editorial da Editora Concreta. Promove diversos cursos e projetos educacionais, seja por meio do seu site (www.rafaelfalcon.com.br), seja a convite de grupos de estudantes ou instituições de ensino. É também palestrante regular do Instituto Cultural Lux et Sapientia e mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo.